

# Por Trás da Máscara

## Mirian Luzia Carvalho Fonkam – Las Vegas/Estados Unidos

A professora explicava a nossa atividade para casa, enquanto eu suspirava e pensava: “Por Deus! Não bastava o horário escolar ser das 8:00 às 15:00, tinham ainda as atividades nossas de cada dia...”

- Sinto-me culpada por não gostar dela como professora - Minha amiga, Thu, sussurrou discretamente ao meu lado, enquanto eu continuava a olhar para frente. - Ela é gente boa. Mas sinceramente para quê tantas atividades?

Thu já tinha expressado sua insatisfação com a professora muitas vezes e nós sempre entrávamos em discordância. Mas, naquela semana eu estava exausta. Restava-me nada a não ser concordar.

No final do horário, quando minha tia foi me buscar na escola, fez a pergunta rotineira:

- E aí? Como foi na escola?

Desabafei minhas frustrações:

- Estou atolada em atividades e a professora de História e Literatura passou um trabalho que mais parece uma das atividades do Blake. – Falei isso apontando para meu primo sentado no banco de trás, que estava calmamente chupando o dedo. – “Desenhe e cora uma máscara com pelo menos oito símbolos que representem sua família.” Coisa de Jardim de Infância, uma completa perda de tempo!

- Você não entendeu o propósito da atividade. – Ponderou, minha tia .

- Bem, estamos estudando o Oeste Africano, região em que as máscaras eram usadas para contar histórias, principalmente histórias familiares. Eu entendo o propósito do trabalho, só o acho supérfluo.

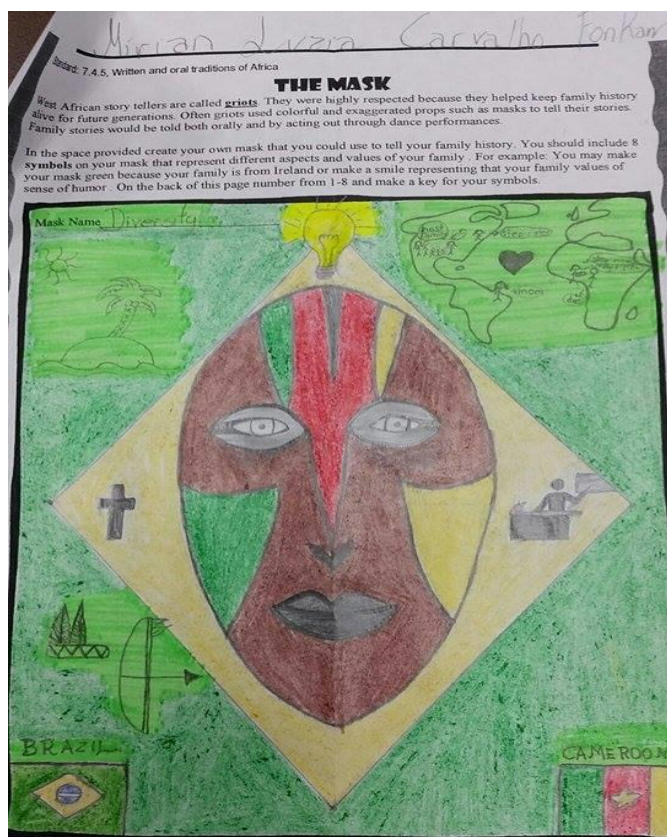
- Não é supérfluo. Antes de ser médica, fui professora de Biologia em uma escola pública de Ensino Médio na Califórnia. Às vezes, eu dava atividades pontuadas de carácter não-ciêntifico. Pedia para que os alunos escrevessem sobre seus finais de semana, sonhos para o futuro ou sobre o cotidiano. O ensino melhora quando os professores vêem o aluno além da sala de aula. Ver de forma mais pessoal e mais ampla. – ela disse.

Digerei a informação em silêncio e ri mentalmente das minhas conclusões. A ideia de que eu estava recebendo atividades desnecessárias não havia sido originalmente minha mas, contraditoriamente da minha tia. Ela sempre reclamava da Feira de Ciências, dizendo que era “coisa de ensino fundamental” e do projeto mensal de Biologia, chamado Estudo da Palavra, pois na sua opinião, “religião e ciências não se misturam”.

Todos nós conhecemos uma pessoa assim, com necessidade de discordar de tudo. O que não é de todo mal, pois sempre vem opiniões inovadoras. E sobre o trabalho de História, ela estava completamente correta. Decidi seguir sua linha de raciocínio:

- Verdade. Os desenhos e os textos podem revelar muito sobre como alguém vê o mundo. É uma boa estratégia utilizar-los para análise da historicidade e personalidade de uma pessoa. Isso não somente pode ajudar o professor a estudar os métodos de ensino para atender as necessidades de cada aluno, bem como identificar problemas que podem futuramente afligir a sociedade.

- Exatamente. – Minha tia orgulhou-se por eu ter concordado com ela.



Logo ao chegar em casa, pedi uma caixa de lápis de cor emprestado de meus primos. Fiz um planejamento mental detalhado. E, desenhei uma máscara utilizando símbolos que representa os valores e aspectos característicos da minha família.

As bandeiras representam as nacionalidades dos meus pais. Minha mãe é brasileira e meu pai é dos Camarões, um país localizado no Oeste Africano e que faz divisa com a Nigéria.

Pintei a máscara de marrom para representar minha descendência Africana e desenhei um cocá, um arco e uma flecha para simbolizar minha descendência brasileira e o meu amor pela cultura maranhense.

Sou natural da ilha de São Luís do Maranhão, filha de educadores, o quê

acredito, ter me incentivado a gostar do mundo acadêmico.

No pequeno mapa, demonstrei a minha estrutura familiar e como tem sido minha vida. Basicamente assim, estudo em Las Vegas, moro com a minha tia, irmã da minha madrasta, meu tio e 3 primos. Eles constituem a minha família hospedeira. Nas férias, moro com minha mãe no Brasil. Entre os 14 e 15 anos, morei na Nigéria com meu pai, minha madrasta e minha irmã, recém nascida. Incluí no desenho a minha meia-irmã, filha da minha madrasta. Ela mora na Pensilvânia. Não a conheço pessoalmente, mas sempre estamos conectadas por Skype ou telefone.

Quando já estava sem ideias para completar os 8 símbolos que a professora pediu, veio a luz... Desenhei as características em comum na minha família: o cristianismo e a criatividade.

No dia seguinte, na escola, alguns alunos se ofereceram para explicar suas máscaras. Um aluno desenhou um rifle, pois caçar era um hobby da família. Outro disse que desenhou lábios grossos para simbolizar que sua família tinha bons beijadores. E, uma garota, que desenhou um navio pirata, contou que seus antepassados Europeus eram ladrões de navios.

Admirei a coragem deles compartilharem algo particular de suas famílias com a sala, mas eu me diverti, apenas escutando.

Apesar de não ter apresentado o meu desenho, ele foi selecionado para o mural de projetos da escola. Ficou lá pelo resto do ano. Cada vez que eu passava por ele, no vai e vem da troca de classe para próximas aulas, o olhar era inevitável. Daí fui amadurecendo pensamento de escrever uma crônica sobre essa atividade. Porque no começo, eu desdenhei e desprezei aquele trabalho, mas depois fiquei cativada pelas reflexões que este me proporcionou. Aprendi que existe uma infinidade de possibilidades por trás de cada coisa. Existe um universo místico por trás de cada aspecto de nós mesmos, nossa família, nossa personalidade, nossa historicidade... Quando são feitas estas dinâmicas, eu, enquanto aluna, sinto que não sou apenas um número nas estatísticas ou nas boas notas. Vejo a escola caminhando junto comigo para me ajudar nessa longa e complexa busca pela minha identidade e valorização da minha história de vida.